

POVO ALGARVIO

SEMÁNARIO REGIONALISTA

Redactor Principal
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua 1.º de Maio, 14—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario
Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS
Série de 10 Números 5\$00
Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

AVENÇA

Produzir e poupar

Da nota oficiosa do Ministério da Economia, transcrevemos alguns trechos a que juntamos os devidos comentários:

«O que se temia tornou-se realidade ou é excedido pelos acontecimentos: a guerra envolve na sua sombra o Mundo inteiro e constitui, mesmo para os povos arredados dela, ameaça de asfixia económica.»

Nós, porém, não queremos morrer. E para não morreremos—a nota oficiosa do Ministério da Economia nos aponta o caminho áspero, mas redentor: é necessário *produzir e poupar*, é necessário produzir mais e gastar menos.

«Se não podemos contar com a contribuição alheia para satisfazer as necessidades da população, ou se prudentemente o não devemos fazer, só restam estas soluções: reduzir as exigências da vida com todo o seu cortejo de privações e sofrimentos ou *lançarmo-nos resolutamente no caminho da produção.*»

E' ao lavrador que principalmente incumbe o dever da produção. Todos nós, contudo, o podemos auxiliar, reduzindo voluntariamente as exigências da nossa vida habitual, criando em nós o heroísmo da austeridade.

«Quando a lavoura se queixa do preço, por serem fracas as colheitas—como acontece em relação às de 40 e 41—pede, no fundo, que lhe sejam pagos os riscos da exploração, sem reparar que em todos os sectores económicos e em toda a parte tais riscos pertencem às empresas. Estas procuram resarcir-se pela economia nos gastos, intensificação do trabalho, aperfeiçoamento da organização e da técnica. E, por esta forma também, a lavoura há-de poder resarcir-se. Em todo o caso, o Governo acompanhará o seu esforço e dar-lhe-á o amparo que reputar necessário.»

O Governo acompanha, o Governo ampara todos quantos trabalham na terra. Espera, porém, que todos correspondam ao seu auxilio, ao seu amparo, com verdadeiro espirito de colaboração, restringindo os gastos, intensificando o trabalho, aperfeiçoando a organização e a técnica da lavoura.

«Ainda que a maior neces-

sidade seja a de assegurar o pão quotidiano, não é só a cultura dos cereais panificáveis que tem de ser intensificada. É preciso ampliar a do arroz e aproveitar as possibilidades que existem para desenvolver as das leguminosas feijão e grão—e a da batata.

Há, quanto a estas fontes de produção ainda inexploradas, as vastas extensões povoadas de vinha, terrenos folgados e de excelente aptidão cultural.

Esses terrenos deverão dar-nos maior abundância dos referidos géneros, sem qualquer inconveniente de natureza técnica ou económica, visto tratar-se de espécies vegetais—uma arbustiva e outra herbácea—perfeitamente consociáveis e, ainda, por nas actuais circunstâncias poder considerar-se *ilimitado mercado de consumo*.

Temos agora que pedir à terra tudo quanto ela pode dar sem prejuízo do futuro.

«Nenhuma fonte de substâncias alimentares—recanto ou nesga de terra— pode ficar inactiva, desaproveitada.»

«Até às pequenas economias domésticas, com o seu quintal ou hortejo e a sua reduzida indústria de criação, devem contribuir para atenuar privações que o futuro porventura nos reserve.»

Deixar terra por cultivar é agora cometer um crime contra a segurança nacional.

O exemplo de Gemunde

Duma pequena freguesia próxima de Castelo da Maia chegamos um grande exemplo de solidariedade cristã e social no melhor sentido da expressão. Para garantir o abastecimento de milho às classes pobres foram adquiridos 160 carros daquele cereal, obstando assim a uma lamentável mendicidade por parte dos desprotegidos da sorte.

Para este fim, constituiu-se uma comissão de lavrodores mais abastados e dispenderam-se algumas dezenas de contos. Eis um notabilíssimo exemplo de solidariedade e de civismo que bem deveria ser seguido em todo o país. Na verdade, não se pode exigir tudo do Estado e não é digno nem justo que o particular adormeça comodamente esperando que o Estado resolva todos os seus problemas...

Farmácia de Serviço

Encontra-se de serviço urgente durante esta semana a Farmácia FRANCO.

Homenagem do Algarve ao seu grande Poeta Cândido Guerreiro

Está atingindo foros de consagração, aliás, bem justa e merecida, a homenagem que no próximo dia 7 de Dezembro, se realisa em Faro ao Poeta ilustre que no «Promontório Sacro», «Em Forli», «Sonetos» e tantas outras obras de profundo sentimento poetico se classificou, no sentir unânime, como o maior poeta algarvio de entre os vivos. Damos a seguir a lista das pessoas inscritas para o almoço de homenagem entre os quais se contam grande número das individualidades de maior prestígio politico, literário e social do nosso Algarve.

- Governador Civil, Major Armando Monteiro Leite.
- Governador Civil Substituto, Dr. Justino Bivar.
- Reitor do Liceu, Dr. Monteiro Simões.
- Comandante da Polícia, Capitão Nunes da Glória.
- Comandante João Castelão de Almeida.
- Conservador do Registo Civil, Dr. Germano Fraga.
- Vice-Presidente da Câmara, Dr. Mário Lyster Franco.
- Dr. Emiliano da Costa.
- Dr. António Miguel Galvão.
- José Alexandre da Fonseca.
- Vergílio Martins Caiado.
- Director de «O Algarve», Ferreira da Silva.
- Director do «Correio do Sul», Alvaro de Lemos.
- Dr. José Neto de Menezes.
- Dr. Manuel Eusébio da Fonseca.
- Dr. Domingos Romão Pechincha.
- Dr. Alberto de Sousa.
- Bienvenido Valverde.
- Dr. Arnaldo Vilhena.
- Dr. Graça Mira.
- Professor António do Nascimento.
- Dr. Falcão Machado.
- Prof. Dr. J. Romão Duarte.
- Alberto Marques da Silva.
- João Luiz Fernandes Jr.
- Professora Dr. D. Gabriela de Campos Ramalho.
- Professora D. Alice Alves Porto.
- Dr. Silvino da Cunha.
- D. Maria de Montalvão da Cunha.
- Dr. A. Frutuoso da Silva.
- Francisco Castro Albufeira.
- Padre José António Pinheiro e Rosa.
- Dr. Henrique Leote Cavaco.
- Armando Gonçalves.
- Dr. Apolinário José Leal.
- Carlos Porfírio e Esposa.
- Dr. Joaquim de Brito da Mana.
- Dr. Fernandes Lopes.
- Dr. José António dos Santos.
- José da Costa Guerreiro, Presidente da Câmara de Loulé.
- Francisco Daniel.
- Dr. José da Silva Mealha.
- Poeta Izidoro Pires.
- Victor Castela.
- Professor Dr. Francisco Ezequiel Evaristo.
- Professor Dr. Batista L. Coelho.
- Dr. Francisco da Silva Pera.
- Junta de Provincia do Algarve, representada pelo seu Vice-Presidente.
- Professor José de Sousa Uva, Junior.
- João Moniz Nogueira (Médico).

PELA CIDADE

Jogos Florais—Já começaram a aparecer as primeiras produções para os «Jogos Florais» do fim de ano que se realizarão no vasto salão de baile da Sociedade Orfeónica de Amadores de Musica e Teatro.

Tudo nos levam a crer que a noite de 31 de Dezembro seja uma verdadeira noite de arte.

Oportunamente daremos aos nossos leitores o programa detalhado.

Teatro Popular

Exibições da Semana

O filme apresentado hoje—*Uma Mulher Indomavel*—é um drama intenso e de categoria. O seu belo colorido faz realçar em toda a sua beleza as maravilhosas montanhas do Canadá na primavera e estio e grandiosas com as nevadas. E' o sublime e o terrível a servir de fundo a um admirável filme excelentemente realizado por George Archainband. Na interpretação merecem destaque o grande actor AKim Tamiroff e a formosa Patricia Morison.

5.ª feira—*Que Noite de Nupcias Aquela e Garra de Ferro* são as duas esplendidas produções que compoem maravilhosamente o programa.

O primeiro filme é uma bela comédia de gargalhada que tem á frente um excepcional conjunto interpretativo o aplaudido comediante Charles Ruggles.

O segundo é um filme de fremente acção dirigido por Lloyd Bacon. Desempenham os principais papeis: James Cagney de extraordinária personalidade, Ricardo Cortez e Margaret Lindsay.

Sabado—Continuam os bons programas com *Meia Noite*, filme em que todas as cenas são interessantes e valorizadas com o notavel desempenho de Claudete Colbert, Don Ameche, John Barrymore e Mary Astor.

Trata-se da historia duma corista que perde tudo ao jogo em Monte Carlo e chegando a Paris enamora-se loucamente por um motorista de taxi mas mete-se de permeio a promessa de ela fazer namoro a um galá com o fim de o desviar de certa esposa, o que dá logar a divertidos accidentes.

Assine o «Povo Algarvio»

Dr. Alberto Dias de Sousa Uva. Lionel de Roulet, «Representante de L'Institut Français au Portugal».

D. Marcial Rodriguez Cebra, Consul de Espanha em Vila Real de Santo António.

Maj. José Joaquim Pacheco, Academia do Liceu de João de Deus, representada pelo Aluno-Presidente.

Luiz Fernando Caissoti Rosa. Almirante A. Ramalho Ortigão. Dr. João Gago Nobre. Dr. João Esquivel. Dr. Armando Cassiano. Raul de Bivar Weinholtz. Dr. Jaime Bento da Silva.

1.º DE DEZEMBRO

Programa das comemorações, a realizar-se no próximo dia 1 de Dezembro, em Tavira, organizadas por um grupo de alunos do Curso de Sargentos Milicianos:

Às 12,30 horas—Te-Deum na Igreja de Santa Maria de Tavira, com alocução.

Às 21 horas—Sessão solene no Teatro Popular de Tavira, com o seguinte programa:

Apresentação do Orfeon do Centro de Instrução, que cantará: Portuguesa, Portugal é lindo, Alentejo e Portuguesa.

Abertura da sessão pelo Ex.º Sr. Capitão Henrique E. T. Moniz.

Recitação dum soneto da autoria do 1.º Sargento Cadete Sr. Vitor Castela.

Palestra pelo Sr. Alferes Miliciano Castelo Branco sobre a data que se comemora.

Em nome da União Nacional falará o Sr. Dr. Jaime Bento da Silva.

Recitação dum soneto patriótico da autoria de um «Miliciano».

Também fará uso da palavra um «Miliciano» que versará o tema «Evocação a Portugal».

Encerramento da sessão pelo Ex.º Major Plácido Baptista Bravo da Costa, Director do Centro de Instrução.

A entrada no Teatro Popular é publica.

Natal Português

Sentinelas do Império, encontram-se dispersos já pelas nossas ilhas do Atlântico e pelas provincias de A'frica milhares e milhares de soldados que deixaram, para isso, a sua terra natal, partindo alegremente, com a certeza de que lhes cabia o encargo honroso de defensores da nossa soberania.

Estamos a poucas semanas do Natal, a quadra em que parece estreitarem-se mais os laços de familia. Portugal vive uma hora de unidade em que, mais do que nunca, a pátria se apresenta como o lar comum. Compreende-se, por isso, o êxito a que está destinada a iniciativa do «Diário de Noticias», ao lembrar que todos contribuamos para o Natal do Expedicionário.

Em cada soldado que se encontra longe, não está, apenas, o irmão, o pai, o noivo, o filho ou o amigo. Estamos nós próprios. Está a nossa familia. Está Portugal. O seu Natal é, portanto, o nosso. Lembrarmo-nos dos soldados é, assim, pôr acima de tudo a idea da própria Pátria. E' a maneira mais bela de se festejar, este ano, o Natal Português.

Dr. Morais Simão
CLÍNICA GERAL
Cirurgia, Partos e Dentes
Consultas das 15 às 18 horas

Rua da Liberdade
TAVIRA

A duquesa-rainha D. Luiza de Gusmão Fôlhas

dispersas!...

Por louvável determinação do Governo da Republica, no decurso do preterito ano foram consagrados em solenes celebrações os epónimos da Nacionalidade e glorificados se viram os mortos-imortais da nossa raça pelo reconhecimento das maiores obras de humano esforço: a conquista e formação do Reino, a portuguesa adopção de terras remotas, com mares de incertos e procelosos ventos, ceus de estranhos climas e gente de toda a criação.

Com dignidade civica e pompa liturgica se deve ter feito o louvor dos serviços e sacrificios por amor da Patria, nas armas, nos officios, nas religiões e no trono real.

Pelos Institutos de cultura, pelas escolas, camaras municipais e Imprensa bem proclamado foi o intuito de aceitar e honrar tal herança, afirmando-se por toda a parte a certeza de não se haverem perdido no tempo os porfiados labores de oito seculos que decisivas empresas civilizadoras e espirituais foram consumindo o sangue e as lagrimas dos nossos avós.

Esquecidas não ficaram as honras devidas a quantos suportaram fome e sede, dores e suplicios, lavrando a terra, batalhando em sortidas e assédios, navegando por todas as rotas e ensinando a gentios e infieis os mandamentos da lei de Deus.

Mas, á luz dos clarões que inundam os altos ceus da Historia, a duquesa-rainha D. Luiza de Gusmão revela-se uma figura de mulher tão singularmente assinalada que para a sua memória devemos levantar os olhos e os corações com respeito e com a maior devoção de leais portugueses.

Muito celebradas têm sido a sua conduta varonil, as decisões da sua coragem, mas está deformado e incompleto o conceito que a envolve nas arduas provações a que a sujeitou o designio da Restauração.

Merecia detido exame critico-historico a sua personalidade nos diversos periodos em que se reparte a sua vida em Portugal de onde nunca mais saiu, desde que sendo moça e menina de dezano- anos, na fronteira de Cala foi recebida pelo duque de Bragança, seu noivo, e por seus futuros cunhados D. Duarte e D. Alexandre. Dali em grande sequito se ordenaram todos para a cerimonia das benções em Elvas, por cortejo nupcial de régia magnificencia, a 12 de janeiro de 1633.

Um ano depois era mãe; em 1640, rainha; em 1656, viuva e regente na menoridade do rei D. Afonso VI, exercendo com intelligencia e dignidade tal função até 1662, ano que a conspiração do Palacio a levou a deixar o Governo. Pouco depois, a rainha D. Luiza, á ordem do seu mal aconselhado filho, foi coagida a sair do Paço da Ribeira, para ir afogar as lagrimas da sua desilusão e dôr no mosteiro que fundara, acabando ali com a vida os seus dias, a 27 de fevereiro de 1666.

No opulento dote que trouxera viria talvez oculta a celebre profecia do mouro escravo do duque de Medina Sidónia, que ao nascer lhe indicava o destino da rainha, esse grave destino que importaria o confisco da casa de S. Lucar de Barrameda, ás ordens de Filipe IV; mas mais do que os cento e vinte mil ducados do dote paterno, valeriam para nós as suas virtudes de mulher, de esposa e de mãe, e aquela sagacidade de que admirado fala o *chevalier* de Jant, embaixador de Luis XIV, na sua memoria para o cardinal Richelieu:

Si les grandes qualités de la Reine de Portugal n'étoient cognues de Vostre Eminence ainsy que de toute la France, il lui seroit difficile de se poursuivre qu'une femme peust estre éclairée ou point que l'est certe princesse, et que ce qui es en elle

de naturel et d'acquis se rencontre au degré d'élevati ou son esprit la porte; son raisonnement est fort solide, son discours poly et sa parolle acompagnée de tant des graces qu'il y a lieu d'admirer qu'il s'y puisse trouver tant de douceur de fermeté et de resolution.

Assim, desde as galas de noiva e as honrarias da côrte de Vila Viçosa, compartilhando a mais antiga corôa ducal da Europa—nas alegrias da maternidade nos jubilos e sacrificios de rainha, no surdo martirio de regente do Reino, a presidir aos conselhos do governo, a despachar embaixadores, a negociar o casamento da Infanta D. Catarina com o rei Carlos II de Inglaterra, para se assegurar o necessário auxilio contra Castela, somos levados a evocar com admiração nesta rainha uma actividade prodigiosa e ardente que nos obriga a contá-la entre os maiores talentos politicos que têm dirigido Portugal.

Se alguns dos seus esforços não alcançaram exito, ninguem poderá culpar de insensata ou audaciosa a sua politica externa, sempre inspirada nos mais altos interesses da nação, ainda em tão grave perigo da sua independencia.

Como todos sabem a esta soberana não têm faltado encómios, principalmente no seculo passado e até a falsa historia lhe rendeu louvores que em justa partilha competiam (e competem) ao duque e rei, seu marido. Tantos favores de má inspiração politica, no intento de deminuir os meritos de D. João IV, repudiam-nos por igual o respeito devido á verdade e a propria memoria da rainha D. Luiza.

O valimento e o sacrificio de um e de outro bem dignos são da alta empresa de restaurar pelo trono a liberdade portuguesa.

Em bom regime de comunhão de esforços, as palmas e o galardão da historia chegam e bastam para cada um deles.

E no grato dever de os exaltar, mais devemos procurar a justiça aos sacrificios do que os aplausos aos triunfos. Estes costumam dá-los a praça publica, por sincero impulso do povo ignaro, por versatillidade da multidão, ou por obra eficiente do suborno, em todos os tempos; mas aquela justiça que mais presar se deve só pode provir de espontaneo veredito de esclarecida consciencia.

Empenhado em desprestigiar pelo descredito das pessoas reais as virtudes da monarchia, o espirito do seculo XIX prevanteu a critica histórica, estimulando e conduzindo o sentimentalismo á usurpação dos direitos da Razão Politica. Muitos dos louvores que á rainha foram dados eram de justiça; mas os exageros de outros queriam apenas significar menoscabo ou desprezo verdadeiro pelo fundador da Dinastia então reinante em Portugal. Ligavam-se no mesmo panfleto a historia e a poesia, contra a verdade e a justiça a todos devida, mesmo aos reis que governavam os povos.

Consultada préviamente e cristãmente a sua esposa para os amadurecidos planos do resgate do Reino, em que D. João tinha que ser o centro—da attitudede de conformidade ou apoio que da duquesa recebeu, passou-se á celebrada frase que se foi rebebicando, segundo as posses literárias de cada um, e todos decorámos na escola primária.

Á volta de uma dezena de palavras que nenhum documento coevo regista na forma dos textos laudatórios inspirados no passo do *Portugal Restaurado*, foi-se criando o preciosismo sentimental que é a antitesa da razão historica.

Em panegiricos de circumstancia, exalta-se apenas a ambição de uma rapariga de vinte e sete anos, mãe de três filhos, que antes queria ser rainha uma hora do que duquesa toda a vida, con-

ceituoso fecho de acto em drama romantico.

Mas esquece-se a mulher feliz, rica dos bens do mundo e a viver sossegada em opulento solar, que, vindo para Lisboa com os seus filhinhos no Natal seguinte á Revolução e Coroação, se entregava a um destino politico que mais parecia aventura e bem poderia terminar na gloria do cadafalso. Evita-se elucidativo confronto, não se fazendo menção da opulencia de duquesa trocada pela pobreza de rainha; a paz do lar mudada para sobresalto de guerra que iria durar mais do que a vida do marido e a sua propria; a possivel viuvez tranquila de senhora nobre no seu solar do Alentejo, preferida pelas atormentadas preocupações de dinheiro para as campanhas militares e pelas angustias de uma regencia em tempo de guerra e com guerras dentro do Paço Real. Não se celebra com admiração comovida a mulher que se despoja das riquezas e vende os vestidos e alfaias de brocado, talvez vinda nas arcas de pompa do seu noivado, para acudir aos gastos da defesa nacional, conforme proclama o brado patriótico da musa popular do livreiro-poeta Francisco Lopes:

A Rainha alegre & leda
Vendo o Rey dar seu thezouro,
Toma muytas pessas d'ouro
E manda bater moeda:
Que o brocado, tela & seda
Que nos seus cofres encerra,
Ella de si os desterra,
E que se ponhão na praça
Para que a guerra se faça
A quem nos quer fazer guerra.

Que ella está determinada,
Pois para a guerra convém,
A dar tudo quanto tem,
E que quer ficar sem nada:
Que a sua patria amada
Pois o Ceo o permitia,
Não he já a que soya
Que ella se fez natural
Do Reyno de Portugal,
E não do de Andaluzia.

Deixe-se na sombra a Rainha, mãe do seu povo, que passa as noites com suas damas e criadas a fazer fios para os feridos da guerra, enquanto espera as novas das campanhas, ou discute politica militar e diplomatica nos conselhos de Estado, tendo feito propor, logo no primeiro a que assistiu como regente, a sua vontade de *passar a Alem Tejo para assistir a suas armas, em defesa de seus vassallos*.

Ninguem se lembra da mãe do principe D. Teodosio, cuja vinda ao mundo poria feliz termo á crise de adaptação da duquesa ao seu novo estado, ao meio aos costumes e á lingua; da progenitora desse preclaro espirito, herdeira de um trono discutido e vacilante, que fugiu do Paço para as tendas de campanha no Alentejo; tão bom e intelligente que era o enlevo do padre Antonio Vieira, e que sua mãe teve a desdita de vêr morrer na flôr da vida. Depois por maior dor ainda, teve de tornar-se o amparo, a vigilante guia de outro filho, de constituição neuropatologica, incapaz de governar, e que só o respeito pela lei da sucessão, recentemente restabelecida, não afastou logo do trono para sempre, e de cuja indole morbida abusaram aventureiros e maus cortesãos.

E que na alma de D. Luiza de Gusmão, duquesa de Bragança, havia mais do que ambição de mulher: viviam nela o sentimento e o respeito do dever da reparação da injustiça histórica e dinástica, esse fervor alimentado pela esperança do Povo. P'los raios dos doutos e pelo brigantismo literário, na feliz expressão de D. Carolina Michêlis, para designar a preparação intelectual da Restauração.

Muito lentamente se faz e tarde se aceita a justiça histórica. Coube á minha geração de sonhadores de um Portugal melhor, o destino de corrigir e até

por inteiro contrastar muitos erros consagrados pela historiografia liberal e a falsa consciencia do passado, com raiz nos dramas e na poesia. Pelo que a D. João IV respeita, aceitou-se o corajoso exemplo de Joaquim de Vasconcelos, na sua valiosa monografia, tão mal compreendida.

Á luz de sucessivas contribuições de novos documentos, el-rei D. João IV, na sua condição humana, bem dotado de qualidades e não isento de defeitos, como acontece aos pastores de gado e aos imperadores—por merecimentos proprios ficará definitivamente num dos mais altos lugares da Historia de Portugal.

O Restaurador está restaurado em toda a prudente energia da sua vontade e responsabilidade de chefe da primeira familia portuguesa e de depositario dos destinos da liberdade da Patria, no espirito do seu admiravel testamento. Foi um duque muito rico que se sentiu morrer pobre como rei.

A rainha D. Luiza deve ir tambem para o seu pedestal glorioso, quando alguém, fora da prosa cortesanesca da *Historia Genealogica* e dos elogios suspeitos por origem e destino, vier a compor o estudo monografico que a razão e a justiça para ela estão pedindo.

Então poderá vêr-se que não foi menos mulher do que rainha e menos rainha do que mãe. Ficará patente que a sua gloria, para muitos e para mim que de ser monarchico ainda me contento, provém menos da sua realza aclamada, como legitima consorte do 8.º duque de Bragança, do que do seu espirito de sacrificio, das suas intimas e ignoradas privações, das suas atribuladas magoas numa corte perturbada por invejas e intrigas, pois sempre os aulicos e favoritos foram a peste dos melhores reinados.

Se por aí ha ou amanhã se revelar verdadeiro intento de promover o culto das virtudes civicas na mulher portuguesa, bem ficaria o nome da duquesa-rainha D. Luiza como o digno e excelso paládio, a tutelar qualquer instituto de acção beneficente ou de serviço nacional com sacrificio.

Não é pela corôa real que, por impulso de reconhecimento e humildade cristã, neste reinado foi deposta aos pés da Virgem Padroeira, para nunca mais ser cingida pelos nossos reis—não é por essa insignia de supremo poder que o vulto desta rainha ganha prestigio e honras históricas: mas sim pelo seu esforçado animo, pelo seu coração ardente e pela enterneçada e forte consciencia do que devia á sua pátria adoptiva, ao marido que esposou e aos filhos que dele em seu seio foram gerados.

Devemos hoje considerar, justiceiramente, o realce da sua memoria, pela coragem, pela firme tenacidade e intelligencia com que, por celeste designio, aqui veio cumprir tão alta, difícil e arriscada missão, como se a distante hereditariedade portuguesa do seu sangue nela houvesse prevalecido através da sua alta e ilustre ascendencia. E devemos compreender a dor desta mãe e rainha que se viu morrer aos 53 anos, fora do lar, com o reino em guerra que ainda se prolongaria por dois anos mais, antes de se assinar a paz, em 1668.

No dia de hoje, terceiro centenário da Restauração de que a duquesa-rainha grande parte foi, é grato ao meu espirito desfolhar sobre o seu tumulo estas rústicas flôres de reconhecimento de um leal e obscuro português.

Hipólito Raposo

N. R.—Nas vésperas de mais um aniversário da gloriosa Restauração, transcrevemos no nosso jornal o artigo admirável sobre D. Luiza de Gusmão que o ilustre escritor nacionalista, sr. Dr. Hipólito Raposo escreveu para o «Diário de Lisboa», o que já há tanto tempo desejávamos fazer, pela maneira criteriosa como estuda a duquesa-rainha figura tão discutida da nossa História

O outono, essa quadra melancólica, de doçura entristecida, antecâmara à média luz, da escuridão invernal, havia começado lindo, como só o sabem ser estas quadras portuguesas!

Na atmosfera de azulinea frescura, em manhãs fagueiras, viam-se através da amplidão celeste, as asas viridentes das últimas aves migratórias, dizendo-nos no seu gesto de expressiva nudez, que este outono assim em meio, ia levar-nos a alma num sorriso de amargura.

Outono em meio!

Como é triste e desolada a Natureza adormecida sob um plúmbeo manto, que tristemente a envolve, como num sudário!

E sob esse manto, quantos desalentos, quanta tristeza e dor, acabrunhando as almas, entumescendo os corações, qual onda que o vendaval infrene dilatou e expandiu, num impulso hercúleo e devastador!

Outono em meio!

Ilusão diluída no claro escuro da luz dúbida de pardacento alvorecer.

Adeus triste, descolorido, da luz intensa e palreira, em cujo seio vivemos horas de luminoso esplendor.

Outono em meio!

Saudade amarga e distante, dum amor que se ausentou, levando-nos dentro em si, a alma feita em pedaços, os sonhos loucos e ternos, da mente entregue a sorrir.

Outono em meio!

Folha velha e sacudida, que a geada amarelou, rolando indefesa e triste, por sobre a relva alagada, numa amargura dorida, de quem não pôde vencer.

Outono em meio!

Ave implume e sacudida, atirada ao vendaval, pipilando dolorida do seu eterno abandono, mas não deixa de correr para o seu destino implacável.

Corre pois, outono triste, para esse Trópico distante, onde o desolado Inverno, com a sua amargura lenta, fará com que te conformes, por teres podido ver que, quando julgamos atingir a máxima amargura, surge sempre outra maior, mais plangente e mais desoladora.

Equando avistares ao longe, densas e acasteladas nuvens, quasi que tocando os céus, ameaçando fundir-se em louco e intermimo pranto, poderás dizer então:

—Outono findo!

Sorriso que desliza e se desfaz em lagrimas, silenciosas, sentidas, vertidas gota a gota pelos olhos tristes da Natureza resignada e linda, mesmo quando está no auge da sua desolação.

Novembro de 1941

Palmira Cândida dos Reis

Todo o bom nacionalista deve assinar o jornal «Povo Algarvio».

Informações

Avença-1942

Todos os retalhistas de vinhos e seus derivados, conforme anunciámos no nosso último número, têm de requerer até ao próximo dia 30 de Novembro, na Agência, Delegação da Junta Nacional do Vinho ou Grémio da Lavoura, do Concelho a que pertençam, a sua avença para o ano de 1942.

Nas localidades onde a J. N. V. não tenha representante, devem os requerimentos ser entregues na administração do respectivo concelho.

Os retalhistas do concelho de Loures e Sintra entregarão os seus requerimentos na sede da Junta, em Lisboa, Rua Mousinho da Silveira, 5.

A lotação em automoveis particulares

Levantando-se constantemente duvidas sobre o excesso de lotação em carros ligeiros particulares, informa a Direcção Geral dos Serviços de Viação que:

Os automóveis ligeiros particulares podem transportar além da sua lotação habitual, uma criança de idade não inferior a 10 anos no banco da frente e um adulto, ou na alternativa, duas crianças de idade não superior a 10 anos, no banco de trás.

Descanso semanal

Foi superiormente estabelecido que a autorização, a titulo excepcional da abertura do comércio de qualquer localidade, em um dia de descanso determinado, por este coincidir eventualmente com a data de uma festa local, se enquadra no regime do artigo 17.º e não no artigo 19.º do decreto n.º 24402. E' por isso ao delegado do I. N. T. que os interessados devem dirigir-se e é a ele que compete decidir.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

Rádio diagnóstico - Electrotarapia

Rua Santo António, 32-1.º

TEL. 57

F A R O

VENDE-SE

Um automovel «Ford», modelo T de 1926, bem calçado. Dirigir a Diogo Filipe Franco, Garagem de Araujo Ribeiro — Tavira.

Dinheiro

Empresta-se sobre hipoteca ao juro da lei.

Nesta redacção se informa.

Lições

De piano da-as em casa das alunas ou na sua residencia, rua dr. Bombarda 48, professora diplomada.

Preços modicos.

Mendonça Freitas

ADVOGADO

Rua da Liberdade

TAVIRA

Faro Antigo e o seu Reverendo Bispo-D. Francisco Gomes do Avelar:

Interessantissimas cartas do D.ºr Francisco Xavier de Athaide Oliveira a Francisco da Silva Santos:—

Loulé, 3 de Junho de 1902:— Ex.ºº S.º

«No sermão pregado pelo S.ºr D. Francisco Gomes nas exequias de D. Maria I.ª diz S. Ex.ª que recebera de D. Maria I.ª sessenta mil cruzados para as obras da Sé Cathedral que necessarias fossem.

«Falando ha dias com o D.ºr Lapa, a tal respeito, disse-me que não encontra na Sé obras algumas do tempo d'aquelle prelado. Eu sei que o Prelado em nenhuma das suas obras grandes, com excepção do templo de Aljezur, deixou vinculado o seu nome, porque a isso se opunha a sua modestia; sei tambem que em 1814 o prelado procedeu a grandes obras na Cathedral e tanto que os Conegos, nesse tempo, celebravam os officios divinos na *Misericórdia*, mas o Prelado não diz em que época recebeu da Rainha aquele dinheiro, e esta como sabe, teve o seu primeiro acto de loucura em 1 de Fevereiro de 1732. Parece portanto que o dinheiro foi dado antes daquele dia.

Como V. Ex.ª me falou de um livro de apontamentos onde estava registado as despesas feitas por D. Francisco Gomes de Avelar em todas as suas obras, lembra-se por ventura se havia ali mencionadas algumas despesas feitas na Cathedral antes de 1 de Fevereiro de 1732?

E' um ponto que desejo averiguar.

D. Francisco Gomes de Avelar declarou no sermão que recebeu sessenta mil cruzados para as despesas necessarias da Cathedral—D. Francisco Gomes nunca mentiu — portanto essas quantias foram gastas naquelas obras; mas quais foram essas obras?

V. Ex.ª disse-me que o livro de tais apontamentos fôra inconscientemente rasgado, mas é possível que de memória me possa responder.

No caso que V. Ex.ª me saiba responder áqueles pontos permita-me a licença de no meu livro transcrever a sua resposta.

Estou com desejos de saber em que obras o Santo Prelado gastou aquelas quantias applicadas na cathedral.

Lembra-se de alguns factos miraculosos atribuidos pelo povo ao S.ºr Bispo?

Conta-se que o Cabido, sabendo que D. Francisco Gomes subira à torre no intuito de presenciar a afinação dos sinos que ele mandara comprar, se queixaram à Rainha e a D. João VI, Príncipe Regente, dizendo que o bispo estava doido. Pode saber quando foram comprados aqueles sinos? E' de supôr que nos mesmos sinos esteja marcada a época da sua fundição.

Peço-lhe a fineza de me responder o mais breve possível. Tenho o livro quasi pronto.

Mandei transcrever 54 cartas do Prelado a D. Manuel do Cenaculo, arquivadas na Biblioteca Eborense.

Desculpe mais este incomodo

De V. Ex.ª Att.º

Francisco Xavier d'Alhaid'Oliveira

Resposta:—

Faro 7 de Junho de 1902.

S.º doutor

«Meu avô, o capitão Joaquim dos Santos Silva, era muito estimado por D. Francisco Gomes de Avelar, e d'um livro manuscrito (de todos os beneficios feitos pelo virtuoso Prelado na Diocese do Algarve, livro dele) constava que mandou fazer obras na Sé e Misericórdia e seminario de Faro mencionando-se as despesas, que eram avultadas, mas não posso lembrar-me em

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—Sr. Alfredo Augusto Baptista Peres.

Em 24—Srs. João da Cruz, Avelino João da Cruz e menino João Chagas das Neves.

Em 25—Sr. Manuel dos Santos Prado.

Em 27—D. Maria Ponce de Castro Centeno, D. Maria Ludonice Gonçalves Santana, D. Adilia Pereira Gonçalves, menina Odete Lopes Rodrigues, srs. Antonio Guimarães Xavier e José Rodrigues Santos.

Em 28—D. Beatriz Marques Freire, D. Rosa da Conceição Faleiro, D. Idalina Guerreiro de Sousa e menina Maria Eduarda Pires Dias.

Em 29—D. Maria Josefina Pimentel Cuerreiro.

Partidas e Chegadas

Esteve alguns dias nesta cidade, despedindo-se de sua familia, o nosso conterrâneo, Alferes Miliciano de Infantaria, sr. Oscar Correia, filho do nosso presado amigo sr. Tenente José Augusto Correia, comandante da Secção da G. N. R.

Doente

Encontra-se doente em Loulé, o nosso presado assinante sr. Sotero Constantino Martins, Ajudante do Conservador do Registo Predial nesta cidade. Fazemos votos pelas suas rápidas melhoras.

Brisa de Outono

*Esquecer-te não consigo
Nem sequer um só momento,
Pois ando sempre contigo,
Contigo no pensamento.*

*Andei morto de saudade
Só por te ver, meu amor,
Encontrei-te; e, na verdade,
A saudade inda é maior.*

*De tantas saudades minhas
Que te mandei outro dia,
Nem sequer uma só tinhas,
Perdeste-as tôdas, Maria.*

*Não te devia mandar
As saudades que eram minhas,
Se não podias guardar
Saudades de quem não tinhas!*

*As que me mandaste um dia,
Mesmo falsas, ainda estão
Guardadas, linda Maria,
Cá dentro do Coração.*

Virgínio Pires

Necrologia

Faleceu em Loulé a Mãe do nosso presado assinante e dedicado nacionalista, sr. Cristovão Texugo de Sousa, guarda-livros do Grémio da Lavoura de Tavira. «O «Povo Algarvio» apresenta sentidas condolencias.

quanto importaram e em que ano se realizaram porque o referido livro desapareceu.

A minhas tias, filhas do dito meu avô, ouvi muitas vezes contar que na Se e Misericórdia de Faro se fizeram obras por conta do virtuoso Prelado, obras que importaram em quantias avultadas não podendo eu significar quaes elas fossem e em que anos se realizaram por me não lembrar e ter o livro desaparecido; assim como constava que os sinos da igreja matriz de Loulé foram por D. Francisco Gomes comprados, tendo este apontamento sido por mim fornecido ao R.ºr Prior da dita freguesia—C. Rafael Pinto.

Consta-me que meu avô conversava muito com suas filhas, já falecidas, a respeito de D. Francisco Gomes, e considerava-o um santo e apontava certos factos que pareciam verdadeiros milagres, causando-lhe grande admiração o ter o Santo Bispo morrido no dia que com anticipação por ele foi indicado.»

Com toda a estima e consideração

de V. Ex.ª Att.º

Francisco da Silva Santos

Faro.

Honorato Santos

Câmara Municipal de Tavira Convocação

Nos termos e para os efeitos do disposto no art.º 28.º do Código Administrativo, tenho a honra de convocar os cidadãos designados para constituir o Conselho Municipal, a comparecerem na sala das sessões desta Câmara Municipal, no dia 25 do corrente, pelas 15 horas.

Tavira, 17 de Novembro de 1941.

O Presidente da Câmara Municipal,

RAMOS PASSOS

Funchal Retalhos e Ilha da Madeira Arabescos

A natureza, avara em suas maravilhosas criações, foi pródiga neste rincão abençoado cujos feitiços enlevam e deslumbram todos aqueles que fascinados pela fama dos seus encantos, ávidos de sensações novas aportam a esta ilha de sonho, oásis de beleza, mundo de maravilhas.

Madeira, terra bendita, insular formosa acarinhada e beijada pelo grande Atlântico, eden terreal, paraíso de fadas e lendas fantásticas, mansão hospitaleira, albergue de foragidos da parca belicosa, floresta imensa, campina verdejante e planície extensa em que o lírio dos vales, a madre-silva bravia, a rosa silvestre, a odorifera violeta ostentam suas galas, Madeira, dos típicos carros de bois, das vendedeiras de flôres, bizarras «camacheiras» com seus galantes trages regionais, das bordadeiras de mãos delicadas, mimosas de que saem rendilhados multicolôres, dos afamados vinhos embriagantes, enfim de tudo o que é belo e agradável, em um frémito de saudade infinda, eu te saúdo efusivamente.

Quanto não perdem aqueles dos «nossos» portugueses continentais, que por te desconhecem vão ao estrangeiro passar suas férias, procurar alívios para seus males, despreocupada e regaladamente gosar de seus rendimentos, contemplar paisagens porventura interessantes, quando graças à magnificência de um vegetação luxuriante, à amenidade de um clima incomparável, aos teus saborosos frutos—bananas, maracujás, mangas, anonas—, ao panorama indescriível que se desfruta em qualquer ponto que nos encontremos, à fragrância das flores, ao espectáculo magnifico de uma primavera eterna em que o sol tinge de rosa e oiro a abóbada de um céu quasi tão azul como o de Nápoles, tens tais motivos de agrado certo e fascinação completa que és o enlevo dos inúmeros forasteiros turistas como soe dizer-se—que anualmente te visitam!

Todos, unánimemente, apreçoam lá fora teus indizíveis encantos naturais, não se cansando de os exaltar. E há em Portugal quem desconheça esta parcela valiosa do Império, esta ilha encantada — «Pérola do Oceano!»

E' pena!

Lamentamos profundamente que tal aconteça pois, na sua maioria, ou melhor dito, são poucos os continentais que têm a ventura de te conhecer.

De futuro descreveremos pormenorizadamente o Funchal e

Resposta dada a um empregado que pediu aumento de vencimento.

O Procopio, empregado, chegara junto do seu chefe:

—Sr. Ambrosio, desculpe eu vir incomodá-lo. Mas V. Ex.ª sabe que a vida está cada vez mais difficil e eu, com o ordenado que a casa me dá, vejo-me atrapalhado para viver.

Queria então?..

—Eu... queria um aumento-zinho de ordenado, V. Ex.ª compreende... A vida difficil... a mulher... os meus filhos...

—Ora oiça, sr. Procopio. Pegue num lápis e vá fazendo as contas: O ano tem 365 dias. O senhor trabalha apenas por dia 8 horas. Quer dizer: produz alguma coisa na terça parte do ano ou sejam em 121 dias. Se a esses 121 dias o senhor tirar os 52 domingos que tem o ano, verifica-se que o senhor apenas trabalha 69 dias.

«Agora como aos sabados o senhor trabalha só até ao meio dia, ha que abater aos tais 69 dias mais 26. Ficam 43. Como o senhor tem diariamente 1 hora para almoçar, isto ao fim do ano dá 13 dias de descanso. Abata-se, pois, aos 43 mais 13 dias. Ficam 30. Durante o ano, o senhor, como os seus colegas, tem duas semanas de licença, ou sejam 14 dias. Abatidos estes dos 30 dias que lhe ficaram, temos apenas 16 dias de trabalho. Tire a esses 16 dias os feriados officiais, que são 12 durante o ano, e só lhe restam 4 dias.

«Ora, está ai provado que o senhor, durante o ano, apenas trabalha 4 dias. Mas como o senhor, no ano passado, faltou 5 dias sem justificação... o senhor ainda deve à casa um dia de ordenado».

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Guitarra

Vende-se uma em estado novo. Nesta Redacção se informa.

Bons impressos e carlmbos a preços económicos, só na

TIPOGRAFIA SOCORRO

(Movida a Electricidade) TELEFONE 59

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

principais concelhos, não esquecendo a noite de S. Silvestre esse caleidoscópico mágico de fogos luminosos em que tudo se deslumbra, em que a imaginação vibra, o coração palpita numa antevisão estou em escrever paradisíaca ou ainda melhor ultra-dantesca.

Tavira-Outubro de 41

P. B.

A COMPETIDORA

Continua a fazer competência

Tôda a gente sabe em Tavira e fóra de Tavira que a COMPETIDORA de

José Augusto Neves

tem sempre um colossal sortido de Lanifícios e Algodões, Casemiras, Elasticotijes, Piques-Piques, Mesclas, Diagonais Cheviotes, Sarjas, Tricós, Sorrubecos, Sobretudos recebidos directamente dos melhores Fabricantes.

Cotins, Panos Crus e Brancos de Guimarães.

Flanelas, Linhos para todos os preços, Chapelaria, Miudezas, etc., etc.

O maior e mais completo sortido

Capotes Alentejanos

Guerra sobre Guerra—Comprar nesta casa é fazer a Guerra à carestia pois adquire nas melhores condições de preço.

Uma visita faz Fé

Não deixem V. Ex.^{as} de visitar esta casa que aconselhamos que sem reserva de preços **SEMPRE VENDE** e muito agradece o proprietário da

COMPETIDORA

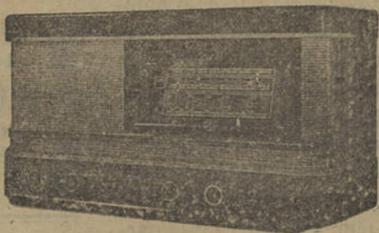
na Praça da República 28-29—Rua da Fonte, 2
Junto à Ponte—Ponto Estratégico

TAVIRA

Que belo aparelho
«PHILIPS»

A VENDA

no Cunha & Dias, Lda.
TAVIRA



Se é económico prefira um aparelho Philips!

Um PHILIPS faz a alegria dum lar!...

COMARCA DE TAVIRA

Anuncio

Faço saber que por este Juízo e primeira Secção da Secretaria Judicial, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda publicação do respectivo anúncio, citando os crédores desconhecidos, para no prazo de dez dias, findos os dos éditos, deduzirem os seus direitos nos autos de execução por custas que o Ministério Publico move contra António Bravo, rendeiro, e sua mulher Maria Picanço, doméstica, residentes no sítio de Bernardinho, freguesia de Santiago, desta comarca.

Tavira, 18 de Novembro de 1941.

O Copista encarregado da
1.^a Secção

Marques da Conceição
Viegas

Verifiquei

O Juiz de Direito

Luiz Pinto

Jornal «Povo Algarvio» n.º 387 de 23 de
Novembro de 1941

A Mecnográfica

António Gonzalez

Reparações e reconstruções em máquinas de escrever.

Acessórios

Praça D. Francisco Gomes, 19

FARO

Explicador

Com longa prática de ensino e os melhores resultados, lecciona: Admissão aos Liceus, 1.º ciclo e letras do Curso Geral dos Liceus.

Ensino especial de Francês, Inglês e Alemão.

Tratar na Rua da Liberdade, n.º 3—Tavira.

Cunha & Dias, L.^{da}

8-RUA DA LIBERDADE-10
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira
e da Fosforeira Portuguesa
Venda de tabaco e fosforos
aos melhores preços

Condições especiais
para revendedores

Casas

Vendem-se em Tavira: uma na rua Miguel Bombarda, n.ºs 2 e 4, e outra na rua D. Paio Pires Correia, 9; ambas com quintal.

Trata-se com Damião de Vasconcelos, em Tavira, rua Miguel Bombarda, 10.

Assinal o «Povo Algarvio»

“MULLARD”

É esta a marca dum dos melhores receptores europeus de T. S. F., para todas as correntes e baterias.

VENDAS A PRESTAÇÕES

Francisco Padinha Raimundo

R. do Poço do Bispo, 10—TAVIRA

Valentim Lopes

ALFAIATE

Ultimas novidades
em Lanifícios

Fatos prontos a vestir desde, Esc. 300\$0, e Sobretudos desde o mesmo preço

Anuncie no «Povo Algarvio»

SANTA CASA

DA MISERICORDIA DE TAVIRA

Avisam-se todos os devedores de fóros e juros de que podem efectuar o pagamento voluntário dos respectivos recibos anuaes, todos os domingos, das 11 ás 15 horas, na Secretaria do Hospital desta Misericórdia.

Também se avisam todos aqueles que devam mais do que um recibo, de que devem efectuar já, os pagamentos em atraso.

A Misericórdia para poder cumprir a sua missão precisa do auxílio e carinho de todos que lho podem prestar, não podendo dispensar os rendimentos que lhe são próprios, pelo que, embora com pesar, procederá coercivamente contra todos os seus devedores em atraso.

O Provedor

Carlos Silva

CLÍNICA DENTÁRIA

Consultas tôdas as terças-feiras, na Séde do Montepio Artístico Tavirense, das 14 às 17 horas.

NOTA—Consultas gratuitas aos pobres munidos do respectivo atestado passado pelas Juntas de Freguesia a que pertençam.